

O Jogo dos Sentidos: O Vasco da Gama e a Dinâmica Social do Futebol (1922– 1924)

Hugo da Silva Moraes*

Resumo: A proposta desse estudo é evidenciar como o futebol, símbolo de uma cultura moderna pôde funcionar como uma chave de construção de um ideal nacional. Partimos do pressuposto que as grandes lideranças do futebol carioca buscavam consolidar um projeto de nação utilizando-se de alguns valores esportivos. A percepção construída de uma comunidade que buscava integrar-se no contexto das grandes civilizações encontrou, nos diferentes grupos sociais e suas representações, interações e conflitos, o seu ponto crítico. Durante nossa proposta tentaremos debater de que forma estes processos encontraram no campeonato carioca de 1923 o seu ponto de tensão.

Palavras-chave: Modernidade, futebol, Vasco da Gama.

Resume: The purpose of this study is to evidence how football, symbol of the modern culture, could work as a essential factor to build a national ideal. Parting of the idea that the great leaders of "carioca" football sought to consolidate a nation project using some of the sporting values. The perception built of a community that was trying to be part of the big civilizations context found in the differents social groups and their representations, interactions and conflicts, its critical point. During the proposal we'll try to discuss how these processes found in "carioca" championship of 1923 their point of tension.

Keywords: Modernity, football, Vasco da Gama.

Por uma Comunidade Imaginada: A construção nacional através do futebol.

“Queremos sacudir a indolência e o marasmo das causas da educação physica regional e nacional, transformando a estagnação insalubre das crianças e das educações atrasadas, no movimento útil e crystalino das realizações modernas indicadas pela nossa experiência e pelo de países mais adeantados.

Que a timidez de alguns não se assuste com o ímpeto e as proporções da reforma. [...] E sobre as superfícies grava-se o relevo firme dos symbolos da aliança e da esperança. Uma uníssona de confraternidade e de vitalidade.”
(O IMPARCIAL 26 de fevereiro de 1924)

Este discurso foi feito por Mário Pollo do Fluminense Football Club. Com um tom reformista e com aspectos visionários, projetava um país inserido entre as grandes potências da época. Indicava um processo o qual deveria ser inevitável: o de transformar atividade física em uma arma de construção de uma geração inserida na modernidade, embevecida nas aspirações de uma Europa desenvolvida e de um Brasil que soube aprender com suas experiências, seus erros, enganos e acertos.

O desejo de se projetar um futuro melhor tornou-se uma das tônicas na década de 20. “Quem somos?”, “de onde viemos?”, “o que nos torna uma nação?”, foram

* Mestrando do programa de pós-graduação em História Social do Território da UERJ e bolsista da FAPERJ.

indagações recorrentes num Rio de Janeiro em grande processo de transformação política, social, econômica e estrutural. Saber “quem eu sou” e “quem nós somos” era uma forma também de estabelecer um parâmetro com as ditas “civilizadas” nações européias, que serviram como modelo para o Rio de Janeiro recém mergulhado no republicanismo e vítima de um processo de modernização.

A *Belle Époque* destaca uma necessidade de se negar tudo aquilo que remete ao império e as suas estruturas. “A expressão regeneração era por si só esclarecedora do espírito que presidiu [...] a dissolução da velha cidade imperial” (SEVCENKO 1983: 31). As novas elites urbanas, agora detentoras do poder político, precisavam de um novo referencial para, a partir do mesmo, projetar-se enquanto classe dominante nesta nova realidade. Não foi por um acaso que a Europa, principalmente franceses e ingleses, tornou-se modelo para o que ficou conhecida como uma sociedade cosmopolita.

A década de 1920 é emblemática neste ponto onde a nação é repensada pelos círculos intelectuais, principalmente o universo dos homens envolvidos com o as letras. Mário Pollo, nosso ilustre dirigente tricolor, acabou estabelecendo essa dinâmica de elaboração e de projeção da nação brasileira a partir de uma reforma do esporte carioca. De fato a década de 20, marcada pela Semana da Arte Moderna em 1922 era o momento onde o Brasil era repensado. O mundo esportivo também fez esse exercício.

O futebol nascia em paralelo com a modernidade. Fruto de uma Inglaterra imperialista, o jogo da bola atravessou os continentes como um “instrumento do darwinismo social” (FRANCO JR. 2007: 27). Difundido por Oscar Cox, o Futebol penetrou no Rio de Janeiro da mesma forma que brotou na Inglaterra: Como uma atividade importante para forjar as elites. E de fato era necessário. Os ventos da modernidade trouxeram a república e um novo reordenamento sócio-político. O futebol se transformaria em uma espécie de atividade responsável por construir e modelar valores da burguesia.

Não só o futebol, mas outras atividades de lazer se configurariam como manifestações dessa modernidade ricamente vividas no século XIX. Segundo Vitor Melo, serviriam para definir a constituição de um “espaço público como lócus de vivência social” (MELO. 2005: 5). Como uma forma de definir este novo *lócus de*

*vivência*¹ as partidas de futebol serviriam como “verdadeiros eventos sociais, onde as altas rodas da sociedade carioca celebravam as novidades do Velho Mundo” (PEREIRA. 2000: 41).

O futebol, nesta esfera social, abrigaria em sua origem o “desenvolvimento mais completo do físico [...]” e também o “desenvolvimento do caráter de seus participantes” (PEREIRA. 2000: 51). Era um mecanismo de constituição das elites do Rio de Janeiro. Os colégios refinados da capital brasileira abraçariam as atividades físicas e, é claro, o futebol como prática fundamental para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Projetando-se por esta ótica, o futebol seria um importante aliado para a formação de uma civilização, de uma raça maculada pela mestiçagem e pelo clima temperado. O discurso se fortalecia a medida que a prática se difundia pelos subúrbios cariocas, aumentando assim a sua função educativa, transformando-se em um jogo praticado por diversos grupos sociais, definidos como uma “malta de desocupados” (PEREIRA. 2000: 132).

Ao longo da década de 10, momento de sua grande popularização, o futebol serviria como uma projeção da nação e de seu desenvolvimento. À medida que as equipes nacionais defrontavam-se com equipes mais experientes, como a argentina e a uruguaia, surgiam discursos elaborados por intelectuais – médicos e literatos como por exemplo Afrânio Peixoto, que apontavam os caminhos a serem trilhados pelo Brasil rumo ao desenvolvimento nacional.

“Os latinos que para aqui vieram, seriam, como todos os latinos, desempregados uns dos outros, incapazes de cederem, a independência de cada um, as cotas que somadas dão a vantagem do povo, a vitória nacional.

Os outros não... Germanos – por instinto, anglo-saxões por educação, são disciplinados... Um homem não vale senão como fração da sociedade; um jogador não existe, mas as parcelas do team” (PEREIRA. 2000: 210.)

Amparada nessa perspectiva positivista, os intelectuais tiveram a convicção de que a nação estaria próxima de seu momento apoteótico com a conquista do campeonato sul-americano de 1919. O único gol feito por Frienderich sobre a esquadra uruguaia colocava a nação em certo “grau de superioridade de raça [...] entre os diversos países da América do Sul” (PEREIRA. 2000: 151). Se a conquista do sul-americano dava a idéia do que era a nação brasileira, os festejos esportivos durante a visita do Rei Alberto da Bélgica trariam uma noção da qualidade do povo que se

¹ Expressão utilizada por Vitor Melo em seu artigo *Esporte e Cultura Urbana: Conexão Paris-Rio de Janeiro – Meio de Transporte*: Arte. 2005. 17 f. Artigo apresentado no II Seminário do Centro de Memória Física/UFMG.

constituía o Brasil. “O monarca belga seria um ótimo juiz para avaliar o avanço do país no terreno do esporte.” (PEREIRA. 2000: 155). Os festejos tratavam-se “enfim, da ligação definitiva do Brasil com o rastro da civilização européia perseguido há tempos.” (PEREIRA. 2000: 156).

Até então, o “ser brasileiro” para os grupos mais tradicionais ligados ao futebol, era ser rico, de boa família e branco. Se o discurso da unidade nacional e a construção do povo brasileiro eram fundamentais, como procederiam os *sportmen*² diante ao Frienderich, um mestiço ovacionado pela população como um grande astro? Será que o discurso de Mário Pollo em 1924, afirmando que o futebol passava por um “marasmo” e de que era necessário um movimento em direção aos “países adiantados”, serviria para restringir a participação do mesmo na seleção nacional em 1919? E Manteiga, negro e Praça da Marinha, jogador do América, Basílio Vianna, negro que jogou no Botafogo e Carlos Alberto, o negro que eternizou o uso do pó-de-arroz no Fluminense?

Por mais que as reestruturações urbanísticas tentassem sintetizar um novo espaço, mais elitizado, as configurações sociais caminharam para outro processo. O surgimento de uma classe-média urbana viabilizou uma nova relação social na cidade, possibilitando uma interação ora pacífica, ora tensa entre os grupos sociais. Logo, essa hibridez social seria percebida no âmbito esportivo da cidade. Surge concomitante com a apropriação do futebol como um discurso das elites, a geração de um espaço esportivo mais popular, caracterizado pelo subúrbio³, ampliando as possibilidades de uma relação intensa entre diferentes grupos sociais.

1923: O Acirramento das Contradições e a crise da Comunidade Futebolística.

À medida que o futebol se popularizava, clubes de pequena expressão ocupavam lugar na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Até 1923, nenhuma dessas agremiações sequer teriam força e o atrevimento de alcançar o título de campeão da cidade. Este torneio vencido pelo Vasco da Gama, clube recém-chegado a primeira

² Termo que indica todo o indivíduo que é profundo conhecedor da prática do futebol, desde o jogador aos dirigentes, utilizado por Leonardo Affonso de Miranda Pereira em sua obra *Footballmania: Uma História social no Futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000. p.36

³ O subúrbio ao mesmo tempo em que se tornava um refúgio de lazer, serviria também para o depósito de detritos e como moradia para as populações que não podiam habitar o centro. Argumentação defendida por Vítor Melo em seu trabalho “Esporte e Cultura Urbana: Conexão Paris-Rio de Janeiro – Meio de Transporte: Arte. 2005. 17 f. Artigo apresentado no II Seminário do Centro de Memória Física/UFMG.”

divisão, torna-se emblemático para traçarmos um confronto com o discurso das elites. Primeiro se faz interessante destacar a composição desta equipe.

“Por isso veio buscar Nelson da Conceição, o ‘Chauffer’, no Engenho de Dentro, o Nicolino no Andaraí, o Ceci no Villa Isabel, o Bolão no Bangu. O Bolão não era da sala do pano, pegava no pesado, trabalhando na sala das tintas, de avental e tamancos altos como botinas, cobrindo o pé [...] No Vasco ele podia subir. O que não faltava era português querendo ajudar jogador do Vasco [...] Do Bangu também veio Leitão, branco que tinha aprendido jogar futebol no Largo da igreja. Muita gente, lá em cima, ainda se lembrava dele garoto. O pai tinha um carro de boi [...]”. (FILHO.2003:120).

Jogar futebol tornou-se uma forma de subverter uma ordem social existente. Jogadores negros, mestiços e pobres como o caso de Leitão e Pascoal que nem sabiam assinar o nome passariam a receber uma ajuda financeira para atuarem pelo Vasco. O *Bicho*⁴, como ficou conhecido, era dado como incentivo a cada conquista da equipe. Outros, como os atletas do Bangu que trabalhavam na Cia. Progresso Industrial eram promovidos à sala de pano, onde o trabalho era menos pesado, devido a sua condição de atleta. Os jogadores vascaínos tinham empregos fictícios. Estes se dedicavam integralmente aos treinos na Rua Morais e Silva.

“Com reclamações por parte dos outros clubes, a Liga resolveu mandar sua comissão de Sindicância apurar e investigar a veracidade das informações sobre os atletas do Vasco. [...] chegavam aos referidos estabelecimentos, recebiam sempre a mesma resposta: os empregados que procuravam estavam realizando serviços externos.” (Napoleão. 2006: 95)

Vencer burlando as regras sociais definidas pela elite da comunidade esportiva representada pela Liga Metropolitana. Esta questão não seria exclusiva dos clubes ditos pequenos. O caso do jogador Manteiga é emblemático. Marinheiro despertou a atenção dos sócios do América. Por ser uma praça de pré⁵ este não ser aceito como jogador em clubes de futebol foi convidado a dar baixa e seguir para a Tijuca, recebendo um novo emprego na casa Leitão.

Mesmo sofrendo oposições dentro do clube, Manteiga permaneceu inserido no cotidiano do América, sendo convidado a participar de todas as atividades. Se as famílias Curtes e Borges, as mais tradicionais do clube americano, não o aceitavam, os outros jogadores não viam problema algum a presença de Manteiga. Como os atletas do

⁴ “Chamava-se esse dinheiro de ‘bicho’ porque, às vezes, era um cachorro, cinco mil réis, outras um coelho, dez mil réis, outras um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem. Não parava por ai. Havia vacas de uma, de duas pernas, de acordo com o jogo”. Mario Filho. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003. 4º edição. P. 123.

⁵ Nem praça de pré, nem garçom, nem barbeiro. Que recebesse gorjeta, quem tivesse emprego subalterno, era cortado. Até Chauffeur. Citação extraída da obra de Mário Filho. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003. 4º edição. P.113.

Vasco da Gama, ele chegou a ir ao restaurante “Filhos do Céu”, o mesmo freqüentado pelos jogadores do Fluminense e do Flamengo.

Portanto, cabe-nos problematizar esta questão tão contraditória. Como sustentar um discurso nacional, projetando o Brasil enquanto uma nação em desenvolvimento, se, por outro lado, as questões sociais e raciais eram entraves tão profundos? É o que Benedict Anderson convencionou como uma *comunidade imaginada*.

“Ela é imaginada porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem as encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão” (ANDERSON. ANO: 14)

O discurso nacional dessa comunidade imaginada é capaz de integrar diferentes grupos, e um dos canais mais utilizados para essa constituição é a imprensa esportiva. Os jornais deixavam negros, ricos, pobres, analfabetos, doutores e homens letrados em pé de igualdade. Analisando periódicos de grande circulação na época como o Jornal do Brasil, O Imparcial e o Correio da Manhã, podemos ter uma noção de como o discurso dessa comunidade possuía grande impacto na esfera social.

“Abriu-se domingo o grande portão, a que não chega sem dificuldades para o caminho da glória. Flamengo e Vasco, os dous incontestáveis heroes que viam ante si abertas de par em par as duas pesadas grades, que tangeram sobre os gonzos, entraram o anfiteatro, onde, como no tempo dos gladiadores de fama, todos tinham as destras fechadas, apenas com o annullar para ser posto para a terra ou para o sol, indicando a vitória.” (JORNAL DO BRASIL .Terça-feira, 10 de julho de 1923)

Investido de todas as metáforas épicas, o cronista esportivo do Jornal do Brasil em sua matéria de 10 de julho de 1923, compara o estádio de futebol a um anfiteatro romano, palco das batalhas entre gladiadores. Vasco e Flamengo eram “dous heroes” que se digladiariam neste coliseu. Um detalhe fundamental é que durante o seu relato, o jornalista em nenhum momento depreciou o escrete vascaíno. Pelo contrário, o espetáculo foi valorizado e transmitiu a idéia de um grande evento esportivo onde a competição, era o foco principal.

Dentro do estádio do Fluminense lotado com aproximadamente 35 000 pessoas, um público maior do que a final do sul-americano, a realidade era outra. A torcida do Flamengo gritava “Entra ‘Basco’ que seu marido é sócio” (ROCHA. 1975: 332), provocando os torcedores cruzmaltinos. O discurso proferido por essa *indústria*

*cultural*⁶ contribui para a manutenção da soberania de uma comunidade que busca mostrar o espetáculo, muito maior do que qualquer contradição social.

Gozações, xingamentos, provocações e até mesmo tiros. Neste jogo “o Flamengo deixara de ser um clube, um time, era todos os clubes, todos os times, o futebol brasileiro, branquinho, de boa família” (FILHO. 2003: 124-125). A ousadia do Vasco em liderar o campeonato, alterando todas as normalidades esportivas da cidade, acirraria os ânimos das grandes equipes. Depois da vitória por 3x2 a ordem pelo menos neste jogo, fora restabelecida.

A *sociedade do espetáculo*⁷ transformou o futebol em uma prática competitiva. As contradições, as quais algumas já relatamos, colocam os discursos unificadores desta sociedade imaginada em risco. Nestes momentos de tensão, onde o discurso integrador - neste caso o conceito do que seria a nação brasileira - é ameaçado, torna-se necessário um “entendimento compartilhado” (BAUMAN. 2003: 17), onde os grupos desta comunidade, interessados em preservá-la, entram em um processo permanente de negociação, que “pode resultar em um acordo que, se obedecido diariamente, pode, por sua vez, tornar-se um hábito que não precisa ser mais pensado” (BAUMAN. 2003: 16).

E este entendimento compartilhado não serviria somente para coibir os excessos dos grupos populares que colocariam esta comunidade em risco. Também o direito dos dirigentes de cada clube de usufruir de algumas benesses que não estariam condizentes com o modelo de comunidade imaginada pelas elites. Da mesma forma que o futebol projetava o clube popular e garantia novas possibilidades de transformação social aos jogadores pobres, os clubes grandes, necessitavam destes elementos para garantirem as suas conquistas e a distinção das sociedades esportivas em relação às outras.

O caso de Carlos Alberto é emblemático. Mulato, o jogador iniciou sua vida esportiva no América. Transferindo-se para o primeiro time do Fluminense, para não destoar do ambiente aristocrático do clube, utilizava o recurso do pó-de-arroz. Nas partidas contra o América, Carlos Alberto era recebido aos gritos de “pó-de-arroz”. O mesmo apelido acabou se estendendo ao Fluminense. “Uma vez Carlos Alberto não jogou. O time do Fluminense entrou em campo, os gritos de ‘Pó-de-arroz’ partiram da geral, do mesmo jeito.” (FILHO 2003: 60).

⁶ Conceito utilizado por Jesús Martín-Barbero. *Dos Meios às Mediações. Comunicação Cultural e Hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

⁷ Segundo Vitor Melo, a sociedade do espetáculo é fruto de todo o desenvolvimento social e estrutural ocorridos na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. Houve o desenvolvimento de um mercado de diversões na cidade.

O Fluminense se utilizando de um elemento negro em sua equipe. Apesar de Carlos Alberto ser de boa família, o mesmo, devido sua habilidade fora aceito entre os principais elementos da equipe. Outro exemplo é o comportamento da torcida do América, que não poupou fôlego em ofender o clube das Laranjeiras.

De certa forma, o futebol é um elemento importante para percebermos como essa comunidade é multifacetada e socialmente interativa, possuindo *projetos* diferenciados dentro de um variado *campo de possibilidades*⁸. Se para o Fluminense era inconcebível a aquisição de um atleta pobre, jogador de pelada, como era o caso de muitos dos jogadores do Vasco da Gama, para o Clube Cruzmaltino era uma opção viável para derrotar os times tradicionais e conquistar o título carioca. “O preto era para a necessidade, para ajudar o Vasco a vencer” (FILHO 2003: 120).

Considerações Finais

Não há como caminhar na cidade do Rio de Janeiro e não ver uma pelada no cais do porto, ou jogos em terrenos baldios, com bolas improvisadas, e ao mesmo tempo não notar as belas festas, as sessões de cinema no Fluminense e os bailes elegantes no Flamengo. Mesmo existindo uma arquibancada para as senhoritas e homens da “boa sociedade”, a geral, os barrancos, janelas e frestas em muros e portões destacavam que o modelo de civilização e de nação, desenhados pelas elites não condizia com a realidade estabelecida.

Se a nação compreende toda a comunidade esportiva, seria extremamente complicado chamar a seleção brasileira de “expressão mais sincera da alma nacional” (PEREIRA. 2000: 157). Mesmo com a presença ilustre de Artur Frienderich, um único mestiço cercado de jogadores brancos, como compreender a seleção brasileira sem Nelson da Conceição, Manteiga ou Carlos Alberto?

Foi dentro deste palco de contradições que o Vasco da Gama, surpreendentemente o campeão de 1923, acabou sendo um ponto de intercessão das contradições existentes até então. O surgimento da Amea em 1924 – Associação Metropolitana de Esportes Atléticos – foi a tentativa do Fluminense, Flamengo, Botafogo e América de retomarem as rédeas do futebol e dos discursos que mantinham a comunidade coesa. As restrições

⁸ Os conceitos – projeto e campo de possibilidades - são discussões feitas por Gilberto Velho em sua obra *Projeto e Metamorfoses: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, 3ª edição.

criadas em seus estatutos aos clubes sem estrutura e aos jogadores com empregos que privilegiavam atividades braçais e o recebimento de gorjetas, analfabetos e desempregados reafirmavam o projeto nacional preservado por estes clubes.

Mesmo com todos os embates identitários, a comunidade passava por um novo momento de negociação. “O Fluminense trouxe o Bangu pela mão para a AMEA, calando todos os protestos, Ninguém tinha o direito a dizer mais nada; ali estava o Bangu junto dos grandes com os mesmos direitos” (FILHO. 2003: 130). Apesar de os grandes clubes perceberem a nação a partir de seu *locus de vivência*, jamais pensaram desconsiderar os elementos populares. Sem eles, a comunidade esportiva não teria a projeção política, e a representatividade social e a que a consolidaria no decorrer das décadas vindouras.

Bibliografia

Fontes Primárias: Jornal O Imparcial: 26 de fevereiro de 1924; 8 de julho de 1922; e Jornal do Brasil: 10 de julho de 1923.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Ática. 1989

BARBERO, Jesus Martin. *Dos Meios às Mediações. Comunicação Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.

CONNIFF, Michael L. *Política Urbana no Brasil. A Ascensão do Populismo: 1925-1945*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

FILHO, Mário, *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003. 4ª edição.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no Campo de Futebol: Estudos Antropológicos Sobre os Significados do Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, EdUFF, 1998.

HOBSBAWN, Eric J. *Nações e Nacionalismos Desde 1780: Programa, Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

JÚNIOR, Hilário Franco. *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo, Cia. das Letras, 2007.

MELO, Vitor Andrade de. *Lazer, Esporte e Cultura Urbana: Conexão Paris-Rio de Janeiro – Meio de Transporte: Arte*. 2005. 17 f. Artigo apresentado no II Seminário do Centro de Memória da Educação Física/UFMG.

- MOTTA**, Marly Silva da. *A Nação Faz Cem Anos. A Questão Nacional no Cenário da Independência*. Rio de Janeiro, FGV-CPDOC, 1992.
- NAPOLEÃO**, Antônio Carlos. *História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905–1941)*. In: **SILVA**, Francisco Carlos da; **SANTOS**, Ricardo Pinto. (Orgs.) *Memória Social dos Esportes: Futebol e Política: A Construção de Uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro, Mauad, 2006.
- PEREIRA**, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História social no Futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- POLLAK**, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, 1989.
- ROCHA**, José da Silva. *Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico: 1898 – 1923*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica, 1975.
- SEVCENKO**, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VELHO**, Gilberto. *Projeto e Metamorfozes: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, 3ª edição.
- VIANNA**, Hermano. *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1995, 2ª Edição.